

Corpos falantes e rostos (in)visíveis: corpo, sexualidade e feminismo em “Moça, você é machista”¹

Talking bodies and (in)visible faces: body, sexuality and feminism in “*Moça, você é machista*”

*Josefina de Fatima Tranquilin-Silva*²

1 Este artigo amplia a discussão apresentada no GT Economia do Sexo: Direitos, Prazeres e Autonomias, do 5º Congresso Internacional em Estudos Culturais: Gênero, Direitos Humanos e Ativismos, que aconteceu em Aveiro (Portugal). O texto é resultante da pesquisa de pós-doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas do Consumo da ESPM-SP, financiada pela Fapesp/Capes.

2 Doutora em Antropologia e pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas do Consumo da ESPM-SP. Membro do Grupo de Estudos Juvenília – Culturas Juvenis: Comunicação, Imagem, Política, Consumo (ESPM-SP) e professora da Universidade de Sorocaba (Uniso). tranquilinfina@gmail.com.

Resumo

O artigo propõe reflexões a partir de um olhar direcionado às experiências de subjetividades juvenis, com enfoque especial nas questões sobre o ativismo feminista em espaços digitais. Tem como *locus* metodológico a página do Facebook “Moça, você é machista” e objetiva analisar a visibilidade do feminismo digital e o corpo feminino como instrumento de luta à sua liberdade. Concluímos que o ativismo e a visibilidade constituídos em “Moça” levam a *política de identidades*, que proporciona ações de politicidades juvenis, comumente por meio de *resistência negociada* com as estruturas do poder. A etnografia é a metodologia utilizada.

Palavras-chave

Ativismo digital juvenil, corpo e feminismo, políticas de identidade, políticas de visibilidade, politicidade.

Abstract

The article proposes reflections from a look directed at youth subjectivities experiences, with special focus on issues about the feminist activism in digital spaces. Its methodological locus is the page “Moça, você é machista” / “Girl, you are sexist” and its objective is to analyze the digital feminism visibility and the female body as an instrument of the fight for freedom. We conclude that the activism and the visibility consisting of “Moça” lead to *identity politics*, which engage politicacy actions from the youth, commonly through a *negotiated resistance* to the power structures. Ethnography is the methodology used.

Keywords

Youth digital activism, body and feminism, identity politics, visibility politics, politicacy.

Ativismo juvenil em “Moça, você é machista”

Evidenciaremos aqui como as juventudes brasileiras contemporâneas utilizam-se dos espaços digitais para visibilizar o feminismo e como as jovens fazem do corpo um instrumento de luta à liberdade desse próprio corpo. O *locus* metodológico é a página “Moça, você é machista”³, pois ela possui a imagem do corpo como principal elemento na construção das narratividades ativistas feministas e uma discussão muito particular sobre os gêneros, já que seus dois criadores (Victor e Érick Vasconcellos) são trans-homens⁴. Como dois jovens, com identidade de gênero masculina, propõem a desconstrução daquilo que sempre foi legitimado pelo poder heteronormativo? Sendo meninas de nascimento, como indicam que as mulheres são também machistas? Quando questionamos Victor⁵ sobre o nome da página, tivemos como resposta:

Acredito que pensar que mulheres não possam ser machistas é um pensamento muito essencialista, no sentido de que vivemos em uma sociedade ocidental de maioria cristã que mantém o machismo. [...] Então, a mulher está suscetível a reproduzir machismo, e isso deve ser desconstruído, por isso o nome também é muito forte. (VASCONCELLOS, 20 ago. 2015).

Ao perguntarmos se o fato de terem nascido meninas também influenciou o ativismo feminista para a criação de “Moça”, tivemos como retorno de Victor:

Eu diria que sim, porque a percepção da opressão aumenta, até porque já fomos obrigados a viver como mulheres durante uma parte da nossa vida... E pra própria questão de se desconstruir enquanto homem também... Nossa identidade é de homem, mas precisamos assumir o masculino deixando de lado o machismo, entende? (VASCONCELLOS, 20 ago. 2015).

3 Disponível em: <<https://www.facebook.com/MocaVoceEMachista/?fref=ts>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

4 Utilizaremos “transmulheres” e “trans-homens” (e não “mulheres trans” e “homens trans”) por concordamos com João W. Nery – o qual, em seu livro *Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois*, declara-se como o primeiro transexual brasileiro e, em palestra no Ssex Bbox Brasil, disse que “utiliza trans-homem porque dessa forma marca a sua identidade trans”.

5 Vale esclarecer que o contato com Vitor se estabelece sempre por mensagens particulares no Facebook, pois foi dessa forma que ele concordou em contribuir com a minha pesquisa de pós-doutoramento.

Foi assim que “Moça” tornou-se objeto/sujeito de estudo.

Apreendemos como espaço de ativismo todo território que congrega autores sociais em prol de causas universais, que questionam e desafiam os modelos hegemônicos. Definimos como ativistas os sujeitos que se identificam com essas causas e as difundem em territórios físicos e/ou digitais, visando a quebra de preconceitos, aceitação de diversidades e diferenças, maior igualdade, tolerância, empatia etc. Segundo Angela Davis (2016) – ativista feminista e pensadora da cultura negra –, “a importância do trabalho ativista é precisamente permitir que você se considere não como um único indivíduo que pode ter alcançado o que quer, mas como sendo *parte* de um movimento histórico em curso” (grifo nosso). Portanto, é a partir desses conceitos de espaço de ativismo e sujeitos ativistas que analisaremos os interlocutores em “Moça”.

As apreciações serão realizadas por meio de dois conteúdos. O primeiro é composto pelos comentários realizados na postagem “Alguns dizem que ‘o feminismo do Facebook é somente um curtir’. Problematizem, mocês!”. Essa escolha se deu ao percebermos provocação às críticas negativas direcionadas aos territórios digitais, considerados como espaços de ativismos juvenis. Victor Vasconcellos confirma nossa percepção quando questionado sobre a intenção de “Moça” ao propor essa problematização:

Sempre recebemos in box críticas nesse sentido. Foi daí que veio a ideia de postar isso... foi para dar visibilidade ao ativismo das meninas... para deixar claro pra todo mundo a ideia que elas têm da nossa *page* [...]. Na verdade, nós sabemos que a nossa *page* consegue atingir as meninas... elas aprendem aqui e lutam aqui e lá fora pelo empoderamento feminino... Você precisa ver as mensagens de desabafo... Os depoimentos de violência sofrida por essas meninas que recebemos no nosso in box. (VASCONCELLOS, 16 set. 2015).

O segundo conteúdo serão duas campanhas: a edição de 2015 da Campanha do Dia da Mulher, que existe desde 2013 e que pergunta: “pelo quê ainda é preciso lutar, mulheres?” (8 DE MARÇO..., 2015), e uma campanha de 2016, denominada “Em pleno 2016 eu ainda...” (CAMPANHA..., 2016)

Essas campanhas nos chamam atenção porque interpelam os sujeitos a produzir os seus próprios conteúdos⁶.

Em se tratando da metodologia, partimos do pressuposto de que os territórios digitais se fundem aos territórios físicos, nos contextos urbanos, por onde as juventudes trilham seus caminhos e (re)constroem imaginários e subjetividades. É nas fronteiras que conjecturamos, pois estamos certos de que não existem dicotomias entre o real e o imaginário, entre a virtualidade e a presencialidade. Nesse sentido temos a etnografia como método de análise⁷.

Demandas analíticas

Os meios de comunicação são (e foram) decisivos na concretização da vida nas metrópoles. "A comunicação é, então, um dispositivo potente para compreender estes tempos" (RINCÓN, 2006, p. 17, tradução nossa). Sendo assim, não podemos negar que os contextos nos quais as juventudes se inserem são urbanos e midiáticos, de cidade que origina ações políticas juvenis. As urbanidades que movem as cidades – e esses jovens – são as artérias das metrópoles: nas metrópoles contemporâneas, "a identidade torna-se uma 'celebração móvel', formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam" (HALL, 1998).

Têm-se então as diversidades de identidades, subjetividades, representações, corpos: vive-se em metrópole discursiva (ROCHA, 2012, p. 126), onde as práticas do consumo e as culturas midiáticas se aprazem. Essas cidades são possíveis porque ali se experienciam as estéticas do consumo e dos corpos e, para Canevacci (2008, p. 17), o "fetichismo expandido", que "é determinado em grande parte pelos fluxos da metrópole [...] entrelaçados e hibridizados pelos

6 Nossa pesquisa analisa as jovens – gênero feminino – por serem elas o público-alvo da página e por haver pouca interação por parte dos meninos.

7 Para saber maiores detalhes sobre a metodologia utilizada nesta pesquisa e a dinâmica de funcionamento da página em questão, ver Tranquilin-Silva (2015).

suores dos corpos, pelos líquidos corporais”. Rocha (2012, p. 132) adverte que os “fetichismos visuais são apreendidos em uma ‘metrópole em corpo’”. Kehl, no debate intitulado *O Brasil entre muros* (O BRASIL..., 2015), salienta que, nas ruas das metrópoles, diferentemente de nos condomínios, os corpos se tocam, se entrelaçam, se excitam, se comunicam. Para Preciado (2014), que acredita que vivemos na contemporaneidade o capitalismo farmacopornográfico, estamos em uma (i)lógica do consumo, em que os fármacos controlam também o interior de nossos corpos – os nossos líquidos libidinais e hormonais – em uma estratégia de *controle pop*, de biopoder muito mais grave que aquele controle vigiado e punido detectado, acertadamente, por Foucault (1988). Nesse contexto estão as juventudes que traçam outros modos de agir que as diversificam. Feixa e Nilan (2009, p. 13) dizem que esses sujeitos são “atores sociais criativos no consumo cultural e nos movimentos sociais”. Rocha (2012, p. 141) acrescenta que “as expressividades juvenis são identificadas em manifestações e em acontecimentos nos quais os jovens [...] se assumem como autores e atores de fala”. Por isso, analisamos as juventudes como uma parcela do social, a qual é alvo das “estratégias” (CERTEAU, 1994) das instâncias hegemônicas – das políticas tradicionais, dos mercados, dos consumos –, mas que desenvolvem “táticas” de “resistências negociadas” (CERTEAU, 1994) e, assim, (re)criam suas subjetividades.

Corpos falantes e rostos (in)visíveis

Em artigos anteriores (TRANQUILIN-SILVA, 2015; TRANQUILIN-SILVA; CAMINHA, 2015) refletimos como as juventudes que estão nas redes digitais – mais especificadamente, na página “Moça, você é machista” – fazem usos e (re)apropriações de matrizes culturais tradicionais relativas aos modelos de corposexualidade gênero advindos das práticas do consumo em ambiente cultural de massas e idealizados pelos padrões constituídos por meio dos produtos midiáticos; no Brasil, predominantemente, a telenovela. Averiguamos que, mesmo se apropriando desses modelos, existem ali narratividades a favor da emancipação do corpo feminino e de suas sexualidades. Aproveitando-nos dessa

discussão, veremos aqui como essas juventudes utilizam-se desse território digital para se fazer visíveis e visibilizar seus ativismos feministas, e veremos quais “modos de fazer” (CERTEAU, 1994) empregam para que concebam o próprio corpo como instrumento de denúncia.

Em “Moça”, vemos claramente o objetivo de ser página de ativismo feminista. Ali encontramos inquietudes sobre corpo-gênero-sexualidade e críticas à cultura que constrói padrões de comportamento de gênero, que naturaliza os corpos cis e que empodera o masculino. Quando perguntamos ao Victor Vasconcellos se a proposta de “Moça” era ser uma página binária/feminista, tivemos como resposta: “ainda é, mas também problematizamos a sexualidade das pessoas trans. Por exemplo, mulheres trans também são sujeitos do feminismo. Mas o foco é, através do empoderamento do feminino, lutar contra o machismo. As questões trans entram mais como problematizações” (VASCONCELLOS, 12 nov. 2015)⁸.

Observando atentamente as imagens dos conteúdos da página, lendo as postagens e os comentários, notando os compartilhamentos e analisando o banco de dados da pesquisa, é perceptível que esse território é extremamente importante para as trocas de experiências entre as juventudes. De tal modo, “Moça” deve ser considerada como espaço de ativismos feministas juvenis que extrapola as formas mais tradicionais de fazer política. Para Batista (2012), com a internet e as redes digitais, “as organizações tradicionais perdem, assim, grande parte de sua relevância como mediadoras das ações coletivas”. Portanto, esses territórios digitais, para Miskolci (2012, p. 37), devem ser vistos como “contextos culturais”.

As meninas que interagem em “Moça” acreditam que aquele espaço serve para o ativismo? Analisemos, então, os comentários⁹ do conteúdo “O feminismo

8 As reflexões sobre as problematizações do universo “trans” contidas em “Moça” será tema de análise em outro artigo.

9 Muitos outros comentários com o mesmo teor estão disponíveis em <https://www.facebook.com/MocaVoceEMachista/posts/879928112100170?__mref=message_bubble>. Acesso em: 26 jan. 2017.

do Facebook é somente um curtir? Problematicam, moces!": "Aqui é lugar de aprender, pq até as feministas aprendem diariamente, e fora do Facebook é lugar de desconstruir os preconceitos [...]"; "É compartilhar Fora do FB tb [...] disseminar a cultura"; "[...] levar as questões abordados pelas postagens para fora do mundo virtual"; "As pessoas falam muito, fato. Mas só eu e tantas outras mulheres, sabem como é empoderador poder falar pra um cara que te chamou de gostosa no metrô: 'Vc tá com algum problema?' [...] Tenho certeza de que o 'feminismo' do Facebook, rende ótimos frutos e é isso o que nos move! A cada postagem tenho mais vontade de lutar contra esse machismo que nos cerca e fazer desse mundo um lugar digno, onde minhas irmãs não terão medo de andarem sozinhas na rua"; "Oxe! E acha pouco? [...] é um apoio a luta, é um sinal de empatia. [...] Cada comentário é um debate, um desabafo de dores. Cada compartilhamento [...] é por vezes sororidade. A cada nova publicação feminista é batalha da vida se manifestando na tela [...]"; "[...] Tento colocar em prática no meu cotidiano tudo aquilo que acredito, inclusive o feminismo. Curtir é uma forma de se identificar, apoiar e disseminar a ideia. [...] mas acredito na força das redes sociais como [...] estratégias para fortalecer os movimentos [...]".

Essas garotas estão dizendo que "Moça" é um local de aprendizagem, de compartilhamento de afetos e ansiedades, de luta. Dessa forma, o ativismo de "Moça" não pode ser considerado "ativismo de sofá", pois se solidifica, segundo as meninas, também por extrapolar as redes digitais. Maria Amélia Teles (JOVENS..., 2016), ativista, afirma que "o feminismo cresceu muito, principalmente, através das adolescentes. Hoje, o feminismo é muito jovem. As meninas estão buscando a afirmação do feminismo, a partir de suas próprias vivências, o que é importante". Para ela, essas novas ativistas "estão dando voz às mulheres da periferia, às mulheres negras, feministas lésbicas, então, o movimento cresceu numericamente e também na qualidade" (JOVENS..., 2016). Não nos restam dúvidas de que grande parte dessas jovens que estão nas redes digitais está aprendendo sobre e dialogando com o feminismo.

Por conseguinte, fica claro o quanto o ativismo juvenil se constrói na fronteira, no imbricamento maleável, líquido, flexível, existente entre o território físico e o digital, entre a virtualidade e a presencialidade, pois "nem somente a ação pelos meios convencionais físicos nem somente a prática do clique se traduzem em dinâmicas de potente mobilização e visibilidade" (RAMIREZ; OLIVEIRA, 2015, p. 193194, tradução nossa)¹⁰.

Acreditamos, com Rocha (2009, p. 984) que "este modo de agir fronteiriço talvez possa ser considerado uma conformação bastante característica das juventudes brasileiras, com suas cada vez mais entrelaçadas, e por vezes refratárias às demarcações, iniciativas comunicacionais".

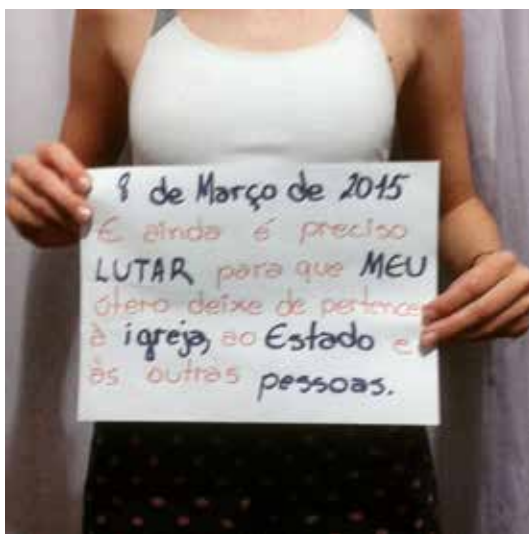
Apesar de essas falas serem muito claras e objetivas no sentido do que percorre a nossa análise, devemos nos perguntar: como essas jovens quebram os preconceitos em relação à mulher? De que forma aparecem as problematizações do feminino, da feminilidade, da violência contra a mulher, da sexualidade, do corpo? Com quais ideias a respeito do feminismo elas se identificam? Quais apoiam e disseminam? Será que esse ativismo leva essas jovens a problematizar a normatização existente nas questões relacionadas aos corpos, aos gêneros e às sexualidades que são visíveis em "Moça"? Para tanto, voltamos o nosso olhar para as citadas campanhas do Dia da Mulher. A de 2015 pergunta: "pelo quê ainda é preciso lutar, mulheres?"¹¹; enquanto a do ano seguinte diz: "em pleno 2016 eu ainda...". Quando os administradores interpelam as meninas a postar os conteúdos dessas campanhas, verificamos – como já tratamos em textos anteriores – que grande parte dos conteúdos está relacionada à liberdade do corpo da mulher e das suas sexualidades. Aliás, como nos mostra Miskolci (2012, p. 38), vivemos em uma "era obcecada com a corporalidade, basta observar um destes sites [de relacionamento] e ler alguns perfis para constatar a centralidade

10 No original, "Ni solo la acción por los medios convencionales físicos ni solo la práctica del clic se traducen en dinámicas de potente movilización y visibilidad".

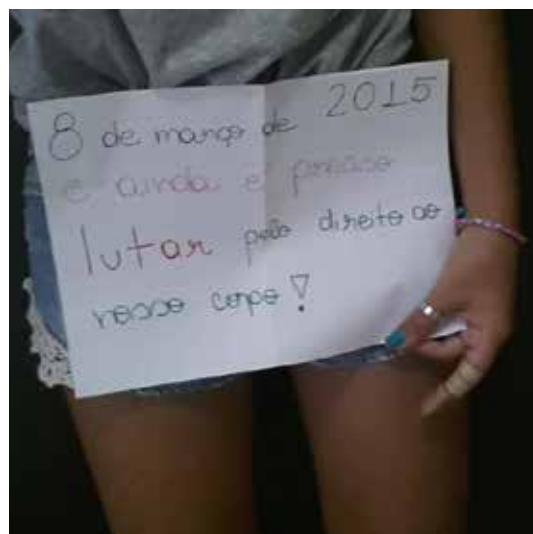
11 Esta "campanha" foi preliminarmente analisada em Tranquilin-Silva (2015), cuja análise se amplia neste artigo.

do corpo nas interações”. Para contemplar nossa reflexão, selecionamos aqui algumas imagens¹².

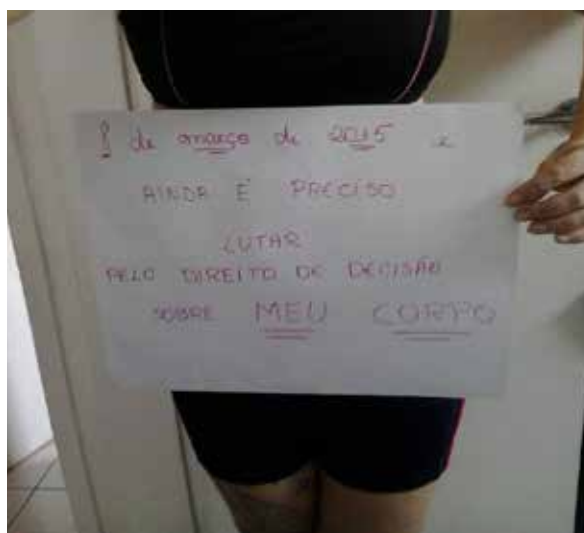
Campanha de 2015



Fonte: 8 de março... (2015)



Fonte: 8 de março... (2015)



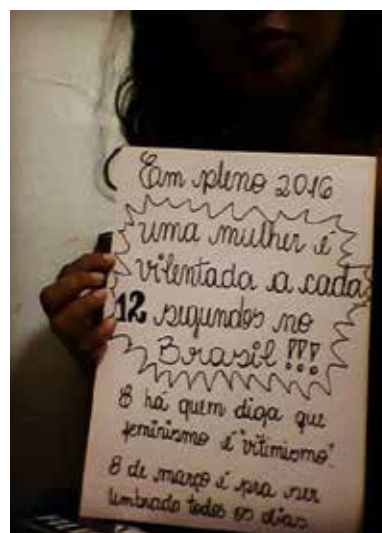
Fonte: 8 de março... (2015)

12 Outras imagens com esse mesmo teor podem ser encontradas na postagem da campanha.

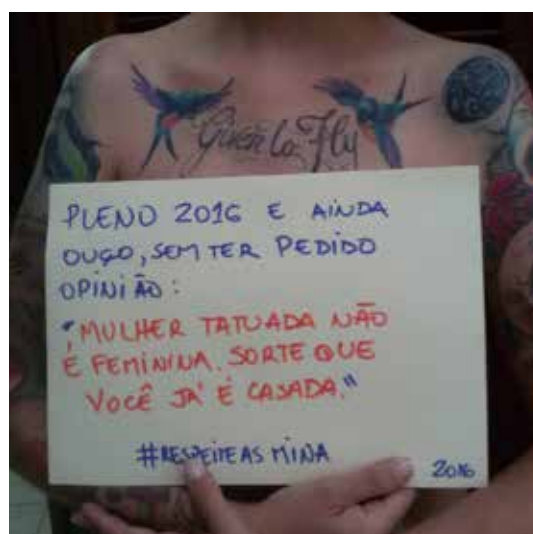
Campanha de 2016



Fonte: Campanha... (2016)



Fonte: Campanha... (2016)



Fonte: Campanha... (2016)

Sabemos que textos/palavras e imagem se complementam, porém nossa análise se dará em duas partes, uma dos *dizeres* dos cartazes e outra das representações dos corpos. Primeiramente, os cartazes e sua linguagem escrita: notamos frases impactantes que demonstram questionamentos referentes ao corpo e às sexualidades, aos poderes tradicionais, como Estado, Igreja e família, que levam à violência doméstica. De alguma forma há crítica

à cultura do poder que constrói apenas um modelo muito específico e limitado de se viverem os corpos e as sexualidades¹³. Ou seja, tudo nos indica que essas jovens percebem as diferenças de representações desempenhadas pelo feminino e pelo masculino em uma cultura que constrói padrões de comportamento de gênero, que naturaliza os corpos femininos e empodera os masculinos; elas percebem, como demonstra Butler (2015, p. 172), analisando os questionamentos de Foucault, que há uma “capacidade produtiva do poder – isto é, o modo como as estratégias reguladoras [do Estado, da família, da Igreja, da cultura] produzem os sujeitos que vêm a subjugar”. Portanto, essas falas/escritas não isentam a cultura/regra/poder das responsabilidades sobre a construção das subjetividades. Assim, nesse contexto, não há dúvidas de que essas meninas, ao se identificarem com os conteúdos postados em “Moça” e visibilizarem suas lutas, conseguem ver em e fazer de “Moça” um espaço de ativismo feminista, que se diferencia dos tradicionais modos de fazer. Para Rocha (2009, p. 992), esses espaços são “uma base imaginária sobre a qual outros jovens podem, não só se espelhar, mas muito concretamente se construir”.

As imagens/fotografias das campanhas demonstram que o corpo feminino é também instrumento de crítica, de fala, de comunicação. Perguntamos: como esse corpo está posto para ser visibilizado? Como essas meninas estão representadas nesse corpo/nessa imagem? Como escreve sensivelmente Garcia (2010, p. 270), “o exercício de aproximar e entrecruzar conteúdo e forma (respectivamente corpo e fotografia) requer pensar o estado enunciativo da representação visual, sobretudo a partir do referencial da carne. Carne que vibra, pulsa e assume desejo e gosto!”. Nesse contexto que imaginariamente pulsa é que refletiremos sobre essas representações visuais corpóreas.

13 Cf. Tranquilin-Silva (2015).

Ao olhar para as representações desses corpos em luta, notamos que são corpos cujos modelos advêm das práticas de consumo dos produtos midiáticos. Como Tranquilin-Silva (2015), "a juventude é bem capaz de fazer outros usos e se (re)apropriar daquelas características femininas advindas do consumo simbólico dos produtos culturais de massas, e [...] deflagrar suas lutas pela liberdade deste mesmo corpo". Compreendemos através dessas representações visuais que os contornos dos corpos "são estabelecidos por meio de marcações que buscam estabelecer códigos específicos de coerência cultural" (BUTLER, 2015, p. 226). Nesse sentido, notamos que sair das armadilhas do poder heteronormativo é muito difícil – mesmo que essas meninas construam ásperas críticas às instâncias do poder, pois, segundo Louro (2000, p. 4), "as muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente. [...] Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas". Ainda conforme Louro (2000, p. 13), "os corpos dos indivíduos devem, pois, apresentar marcas visíveis desse processo; marcas que, ao serem valorizadas por essas sociedades, tornam-se referência para todos". Portanto, os corpos femininos foram disciplinados pelas instituições, tal qual diz Louro (2000, p. 14) sobre a escola: "um corpo disciplinado pela escola é treinado no silêncio e num determinado modelo de fala [...]. Mãos, olhos e ouvidos estão adestrados para tarefas intelectuais, mas possivelmente desatentos ou desajeitados para outras tantas". Lembramos que as marcas desses corpos femininos, a partir da pílula anticoncepcional, passam a estar, segundo Preciado (2014), também nas entranhas.

O que visualizamos nessas figuras são corpos que se expressam como um "corpomídia" (GREINER, 2005), que esconde o rosto. Por que em tempos de visibilidades essas meninas ao se representarem por meio das imagens de seus corpos não mostram suas faces? Por que existe um receio de ser identificada pelo outro? De se mostrar ativista feminista? O que nos sensibiliza nessas imagens sem rostos é pensar que ali está presente um medo real da violência. Ou seja,

pensamos que essas autoras e *atoras* sociais não podem ser reconhecidas porque correm, literalmente, o risco de sofrer violências físicas, psicológicas, afetivas e morais, caso sejam identificadas por determinados “outros” neste papel de ativistas. Ao atentarmos para o *Mapa da Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil* (WASELFSZ, 2015, p. 75), “é possível verificar que foram atendidas pelo SUS [Sistema Único de Saúde], em 2014, um total de *85,9 mil meninas e mulheres* vítimas de violência exercida por pais, parceiros e ex-parceiros, filhos, irmãos”. Essa conta não considera os planos particulares de saúde, que não estão contabilizados no *Mapa da Violência*. “Estima-se que 80% dos atendimentos de saúde no país são realizados pelo SUS; assim, um total estimado de *107 mil meninas e mulheres* devem ter sido atendidas em todo o sistema de saúde do país, vítimas de violências domésticas” (2015, p. 75, grifo nosso). Temos aqui dois conceitos centrais – violência e gênero –, que, segundo Strey (2012, p. 51),

simbolizam mundos próprios e em si mesmos extremamente complexos e carregados de sentidos vitais na vida humana. [...] Quando associados, mostram um ilimitado poder gerador de sentidos negativos que trazem à baila outros termos que lembram dor, sofrimento, apropriações indébitas do outro, exploração, sadismo, indiferença.

Doravante, ao esconder os rostos, essas meninas estão claramente visibilizando a dor e o sofrimento presentes na associação entre violência e gênero feminino.

Para além desses índices alarmantes entendemos que as jovens brasileiras, ainda hoje, sentem-se intimidadas com os julgamentos machistas – forma de violência de gênero – contra as atitudes que levam à quebra dos padrões de comportamento, de desejo e de gosto edificado sobre o corpo e a sexualidade da mulher. Conforme Louro (2000, p. 4), falar de sexualidade e de corpo sempre foi proibido, e continua sendo: “como jovem mulher, eu sabia que a sexualidade era um assunto privado, [...] parecia não ter nenhuma dimensão social; era um assunto pessoal e particular que, eventualmente, se

confidenciava a uma amiga próxima”. Nas campanhas o assunto é publicizado, mas com a autoria resguardada.

Se ajuizarmos aqui que essas meninas são ativistas feministas e que essas imagens são representações de si e do outro, podemos dizer que há nelas e em “Moça” ações políticas e representação. Política e representação sempre foram termos difíceis de definir. Para Butler (2015, p. 18), “a *representação* serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres”. Esse é um lado, mas há outro: “a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres” (BUTLER, 2015, p. 18). Quando essas meninas se representam em linguagem escritas e visuais, promovem “visibilidade e legitimidade às mulheres” e ao feminismo, porém, no momento em que escodem seus rostos, essa representação vem ao encontro da normatividade de uma linguagem midiática, que revela e distorce o que é ser mulher. Em querer visibilidade ao mesmo tempo que nega ao outro o reconhecer de si, como sujeito de seu próprio corpo e de suas lutas, evidencia-se que as identidades sociais e culturais e, portanto, as identidades de gênero, ainda são marcadas, atravessadas, perfuradas, adentradas pelas relações de poder. “Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência [...]. *Essas múltiplas identidades podem cobrar [...] lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias*” (LOURO, 2000, p. 6, grifo nosso).

Belile (BALIEIRO; PRADO, 2015, p. 7), em entrevista à Revista Norus sobre seus estudos em sites de relacionamento, diz que é fundamental “complexificar as questões da visibilidade”, pois nesses espaços, como em qualquer outro, há controle e agenciamentos. Tanto ela quanto nós sabemos que “controle e agenciamento não podem ser pensados em separado” (BALIEIRO; PRADO, 2015, p. 8). Em se tratando de uma página de ativismo feminista, a visibilidade existente em “Moça” contribui com a legitimidade em outros

espaços, tanto dos administradores quanto das meninas que ali interagem, porém, em se tratando de dar visibilidade em imagem à liberdade do corpo feminino, percebemos que grande parte das meninas que ali estão exerce autocontrole, obviamente apreendido durante as vivências e experiências cotidianas em ser mulher. Porém, os agenciamentos e as negociações com a estrutura do poder também se mostram, no mesmo instante em que o autocontrole é exercido.

Política de identidades, visibilidades, ativismos e politicidades

Analisando os conteúdos de os comentários em “Moça, você é machista”, podemos dizer que ali “novas identidades sociais tornaram-se visíveis, provocando, em seu processo de afirmação e diferenciação, novas divisões sociais” (LOURO, 2000, p. 4). É por meio de mecanismos como esse que se dá “o nascimento do que passou a ser conhecido como ‘política de identidades’” (LOURO, 2000, p. 4). Para Woodward (2014, p. 13) “a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades”. Vemos, então, que o ativismo e a visibilidade constituídos em “Moça” levam a “política de identidades”, quando “Moça” propõe debate sobre o feminismo e problematiza as sexualidades “trans” e quando as meninas se identificam com esse feminismo proposto e apoiam as lutas a favor das travestilidades, transexualidades e transgeneridades.

Notamos então que, para além da política de identidades, “Moça” é um local em que se criam “políticas de visibilidades”. Rocha (2012, p. 129) tem defendido “que a discussão sobre política de visibilidade poderia ser consubstanciada a partir da concepção spinoziana de ‘afecção’”, ou seja, as imagens que criamos, imaginamos e vemos podem nos afetar, e assim podemos aumentar ou diminuir nossa potência de agir. “O que nos faz aumentar essa potência, segundo o filósofo, é a ética” (ROCHA, 2012, p. 130). Desse modo, Rocha compõe as políticas de visibilidades como sendo aquelas em que, por meio de corpos, mentes e imaginários afetados, tem-se a potência de agir aumentada a partir

da ética. Temos certeza de que, mesmo escondendo seus rostos, as jovens que se adentram na fluidez dessa página são afetadas e, por isso, criam a *tática* (CERTEAU, 1994) de se esconder para se mostrar, que leva à *ação*. É assim que “Moça” perfaz seu ativismo feminista.

Falar de juventudes, ativismos, políticas de identidades e políticas de visibilidade é pensar em outras formas de exercer a política, aquelas que não contemplam somente os *cânones das instituições tradicionais*. Isso é politicidade, que, segundo Ramirez e Oliveira (2015, p. 193-194), deve ser entendida como “o conjunto de processos de genealogia, implantação, configuração e reconfiguração do processo político que se define e se reconfigura em rede” (tradução nossa)¹⁴. Não devemos esquecer que “as redes sociais *por extensão* existem desde que existe o laço social, interpessoal e coletivo” (RAMIREZ; OLIVEIRA, 2015, p. 193-194, tradução nossa)¹⁵. Concordamos com Rocha (2012, p. 131), segundo o qual “por politicidade entendemos, na direção apontada, entre outros, por Mauro Cerbino (2002), como um ‘quê-fazer’ que provenha da vida cotidiana, das práticas estratégicas de vinculação e participação”. Assim, *não nos restam dúvidas* que há ativismo feminista em “Moça”, que se faz por meio de *visibilidades*. Esse ativismo leva a uma *política de identidades*, que proporciona ações de *politicidades* juvenis, comumente por meio de uma *resistência negociada* com as estruturas do poder.

14 No original, “el conjunto de procesos de genealogía, despliegue, configuración y reconfiguración de lo político, se define y reconfigura en red”.

15 No original, “las redes sociales *in extenso* existen desde que existe el lazo social, interpersonal y colectivo”.

Referências

8 DE MARÇO sempre é bom lembrar.. *Moça, você é machista*, [s.l.], 2015. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/MocaVoceEMachista/photos/?tab=album&album_id=778186238941025>. Acesso em: 26 jan. 2017.

BALBINO, J. 'Moça, você é machista': trans criam maior página feminista do país. *G1*, Varginha, 8 mar. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2015/03/moca-voce-e-machista-trans-criam-maior-pagina-feminista-do-pais.html>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

BALIEIRO, F. F.; PRADO, J. Mídias, gênero, sexualidade e intersecções: entrevista com Iara Beleli. *Norus*, Pelotas, v. 3, n. 3, p. 102-111, jan./jun 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/NORUS/article/view/6367/4458>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

BATISTA, J. C. Das dimensões às capacidades comunicativas: apontamentos sobre o (ciber)ativismo na perspectiva da teoria da ação coletiva. *Temática*, João Pessoa, v. 8, n. 11, nov. 2012. Não paginado. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2012/Novembro/ciberativismo_teorica_aaocoletiva.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2017.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAMPANHA dia das mulheres 2016. *Moça, você é machista*, [s.l.], 2016. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/MocaVoceEMachista/photos/?tab=album&album_id=965931590166488>. Acesso em: 26 jan. 2017.

CANEVACCI, M. *Fetichismos visuais*: corpos erópticos e metrópole comunicacional. São Paulo: Ateliê, 2008.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DAVIS, A. A importância do trabalho ativista... *Ssex Bbox*, [s.l.], 14 fev. 2016. Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/SSEXBBOXDoc/photos/a.169869773058875.38195.145951285450724/1034793489899828/?type=3&theater>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

FEIXA, C.; NILAN, P. Uma juventude global? Identidades híbridas, mundos plurais. *Política e Trabalho – Revista de Ciências Sociais*, João Pessoa, n. 31, p. 13-28, set. 2009.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade*: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v. 1.

GARCIA, W. Corpo e fotografia e Erwin Olaf: estudos contemporâneos. In: COSTA, H. et al. (Org.) *Retratos do Brasil homossexual*: fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo: Edusp, 2010.

GREINER, C. *O corpo*: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

GROSSI, P. K. (Org.) *Violências e gênero*: coisas que a gente não gostaria de saber. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=EgaegHUfNJMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 26 jan. 2017.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

JOVENS fizeram feminismo crescer em quantidade e qualidade, diz pioneira. *Rede Brasil Atual*, São Paulo, 17 fev. 2016. Cidadania. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2016/02/2018jovens-fizeram-o-feminismo-crescer-em-quantidade-e-qualidade2019-afirma-pioneira-2127.html>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MISKOLCI, R. A gramática do armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: PELÚCIO, L.; SOUZA, L. A. F.; SABATINE, T. T. (Org.). *Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia*. Marília: Cultura Acadêmica, 2012. p. 35-52.

O BRASIL entre muros. Debate com Christian Dunker, Vladimir Safatle, Maria Rita Kehl e Paulo Arantes. São Paulo: TV Boitempo, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WkOpY4CiWY4>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

PRECIADO, B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

RAMÍREZ, L. G.; OLIVEIRA, R. C. A. Movimientos juveniles y usos de las tecnologías digitales em América Latina. In: CUBIDES, H.; BORELLI, R. U.; VÁZQUEZ, M. (Ed.). *Juventudes latinoamericanas: prácticas socioculturales, políticas y políticas públicas*. Buenos Aires: CLACSO, 2015. p. 183-213.

RINCÓN, O. *Narrativas mediáticas: o cómo se cuenta la sociedad del entretenimiento*. Barcelona: Gedisa, 2006.

ROCHA, R. L. M. Corpos significantes na metrópole discursiva: ensaio sobre fetichismo visual e ativismo juvenil. *Significação*, São Paulo, v. 39, n. 37, p. 126-146, 2012.

_____. Cultura da visualidade e estratégias de (in)visibilidade. In: ENCONTRO DA COMPÓS – GRUPO DE TRABALHO COMUNICAÇÃO E CULTURA, 15., 2006, Bauru. *Anais...* Belo Horizonte: 2006.

_____. Políticas de visibilidade, juventude e culturas do consumo: um caso (de imagem) nacional. In: CONGRESSO DA LUSOCOM, 8., 2009, Lisboa. *Anais...* Lisboa: Lusocom, 2009. p. 983997.

STREY, M. N. Violência e gênero: um casamento que tem tudo para dar certo. In: GROSSI, P. K. *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

TÉLLEZ, A. S. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

TRANQUILIN-SILVA, J. F. Como os jovens lidam com o erotismo? Narratividades eróticas juvenis nos ambientes digitais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM COMUNICAÇÃO E CONSUMO, 4., 2014, São Paulo. *Anais...* São Paulo: COMUNICON, 2014. Disponível em: <http://www.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014/gts/gt_cinco/GT05_TRANQUILIN.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2016.

_____. Sou santa, sou puta, sou filha da luta: narratividades juvenis em "Moça, você é machista". In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM COMUNICAÇÃO

E CONSUMO, 5., 2015, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ESPM, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2kLm2Zf>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

TRANQUILIN-SILVA, J. F.; CAMINHA, M. "Moça, você é Machista": narratividades juvenis sobre sexualidades e gênero: (re)apropriações de matrizes tradicionais da cultura de massas. In: REUNIÓN DE ANTROPOLOGÍA DEL MERCOSUR, 11., 2015, Montevideo. *Anais...* Montevideo: Universidad de la Republica, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2kkjS2r>>. Acesso em 18 fev. 2016.

VASCONCELLOS, V. *Entrevista* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <<https://www.facebook.com/fina.tranquilin>> em 2015.

WILTON, G. *Corpo e fotografia em Erwin Olaf*: estudos contemporâneos. In: COSTA, H. et al. (Org.). *Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Imprensa Oficial; Edusp, 2010. p. 269-279.

WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília, DF: Unesco Brasil, 2015. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2017.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 7-72.

submetido em: 10 jun. 2016 | aprovado em: 18 jul. 2016